

RICŒUR EM COIMBRA

RECEÇÃO FILOSÓFICA
DA SUA OBRA

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO
JOSÉ BEATO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PAUL RICŒUR – PENSAR *ENTRE*, UM PENSAR DIFERENTE EM FILOSOFIA

PAUL RICŒUR - THINKING *BETWEEN*, A DIFFERENT WAY TO THINK IN PHILOSOPHY

José Eduardo Alves Jana¹

Resumo

Paul Ricœur ergue-se como pensador *entre* disciplinas, *entre* áreas do saber, *entre* autores e correntes. Não num sincretismo primário, mas num diálogo frutuoso entre as suas grandes interrogações e os contributos oriundos de vários campos disciplinares, *entre* a filosofia e a linguística e as ciências da natureza, *entre* o método fenomenológico e a filosofia clássica, *entre* a filosofia continental e a filosofia da linguagem, *entre* a especulação universitária e o compromisso com os problemas teóricos e práticos, por exemplo do direito e da justiça... Por isso, o filosofar é também ação e compromisso na cidade dos homens. Estamos pois longe, muito longe da gramática do pensamento clássico.

Palavras chave: Pensar entre disciplinas; filosofia como ação e compromisso prático; crítica da gramática do pensamento clássico.

¹ jalvesjana@gmail.com

Professor reformado do ensino secundário. Doutor em Filosofia. Tem como áreas de interesse a Filosofia da ciência, a Filosofia prática e aplicada.

Abstract

Paul Ricœur stands as a thinker *between* subjects, *between* areas of knowledge, *between* authors and currents. His standpoint is thus not a primary syncretism, but a fruitful dialogue between the greatest questions he poses and the several contributions from different disciplinary fields, *between* philosophy, linguistics and natural science, *between* the phenomenological method and classical philosophy, *between* continental philosophy and the philosophy of language, *between* academic speculation and the engagement with theoretical and practical issues, such as law and justice, for example... That is why philosophizing is also action and commitment in the city of men. Therefore, we are far, far away from the grammar of classical thought.

Keywords: Thinking between disciplines; philosophy as action and practice commitment; critic of the classical grammar thought.

Um dos pilares mestres da filosofia clássica é a noção de substância. Pela própria semântica da palavra, substância – sub + stância – é o que está por debaixo, os alicerces, o que permanece face àquilo que se altera, a substância face aos acidentes, aquilo que é em si mesmo e não depende da existência de outra coisa, o que é invariável e uma coisa verdadeiramente é em contraposição com o que, variando, nela pode ser ou não ser.

Deste pilar matricial decorre muito do pensar ocidental. O que verdadeiramente é, leva consigo um carácter de permanência, de auto subsistência e auto suficiência.

O real é, além disso, de carácter elementar. A realidade é constituída por elementos substanciais que, existindo, se podem combinar de modo a fazerem aparecer as múltiplas formas da sua conjugação e apresentação. Mas a verdade última das coisas está nos elementos que as constituem.

Por sua vez, o conhecimento, sobretudo o trabalho filosófico, tem um carácter de mineração. Trata-se de escavar a realidade das coisas de modo a procurar o que, lá no fundo, as constitui em verdade e em permanência.

Ser e não ser não pode ser, diz-se como princípio onto-gnoseo-lógico do ser e do conhecer. O ser é e dá-se a conhecer ao homem que é capaz de ir além das aparências, da volatilidade das formas acidentais, da impermanência das coisas, de descer da mistura composta à simplicidade dos seus constituintes. A verdade é, por natureza, universal e imutável. Esse é o projeto de “a” Ciência. Uma ciência de matriz vertical, procurando de cima para baixo os fundamentos que lá estão, mas não são imediatamente visíveis.

Mas já no século XVII surge a proposta de uma nova ciência, em que se desprezam as substâncias e se procura conhecer os fenómenos. A nova física muito depressa consegue resultados espantosos, seja em conhecimento seja em poder sobre os fenómenos. Por isso, obteve as boas graças tanto da investigação como da opinião informada. E assim se forma um novo método de conhecimento dos fenómenos, expressos por leis matemáticas, sujeitas a teste experimental. Trata-se de uma ciência mais horizontal, em que os fenómenos se explicam uns pelos outros, ainda que sem perder uma dimensão vertical, pois que os fenómenos de um nível se explicam por outros de um nível inferior.

Contudo, o pensamento filosófico mantém-se ainda muito ligado a esse pensamento substancial que vinha da antiguidade clássica. E então começa uma divisão ou mesmo oposição inconciliável, e por vezes violenta, entre as chamadas ciências e as chamadas humanidades.

É, em síntese, com Kant e a impossibilidade do conhecimento metafísico, e com Hegel e a historicidade de todo o real, que a matriz do ser e do conhecer começa a mover-se. Entretanto, as ciências davam passos significativos, com Darwin, Einstein, Heisenberg, Hubble, Edward Lorenz, Mandelbrot e muitos outros. Com eles, a realidade surge-nos com uma configuração muito diferente da que nos oferecia mesmo na física clássica.

O evolucionismo cósmico, da astrofísica à biologia, e a mecânica quântica mostram-nos um Universo único na sua natureza, intrinsecamente dinâmico e evolutivo, em última análise não constituído por elementos mas por campos de forças em interação, com todas as partes numa interdependência continuada, num modo de ser ao mesmo tempo caótico e determinista, o que torna a imprevisibilidade o estatuto do conhecimento da natureza, ainda que neste oceano de incerteza se encontrem pequenas ilhas de certeza.

Tudo isto é quase informação de base, que não pretende trazer qualquer novidade, mas antes apresentar o enquadramento do encontro com Paul Ricœur e o seu pensamento.

Desde cedo, desde o início da sua obra filosófica, Paul Ricœur se apresenta como um pensador do agir. Não propriamente do ser, mas do agir. Decerto, influenciado pela sua experiência do campo de concentração na II Grande Guerra e da descoberta dos campos de extermínio, embora certamente também pela sua filiação religiosa no protestantismo calvinista, o problema do mal impõe-se-lhe como tema inicial de reflexão. E o mal aparece-lhe não como da ordem do ser, mas do agir. O mal não é da ordem do substancial, mas do relacional. E o homem não é o cogito auto-suficiente, que a si e em si mesmo se descobre. Pelo contrário, é em si mesmo inquietude e desproporção, pelo que não apenas é, antes tem de se descobrir num processo dialético de hermenêutica de si face aos outros, tem de se afirmar no seu poder de querer e agir² e questionar-se face aos efeitos que tem em si e nos outros.

Sem pretender fazer o retrato, mesmo dinâmico, do pensamento de Ricœur, podemos fazer já uma ligação *entre* esta resposta inicial e a formulação que Ricœur nos apresenta no seu pensamento final, daquilo que nos constitui a partir de dentro. O que todos procuramos

² RICŒUR, P. - *Philosophie de la volonté 1: Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier, 1949, p. 13, 47.

e constitui o problema ético (“*visée éthique*”) é uma “vida boa com e para os outros em instituições justas”³. Vemos, assim, que o mal não é da ordem do ser, ou do não ser, mas do relacional, ou seja, da relação entre o agir humano e os seus efeitos face a isso que todos procuramos. E isso que procuramos não é um dado metafísico, da ordem do transcendente e imutável, antes decorre das próprias relações entre os membros da sociedade. Porque são estes que, ao mesmo tempo, agem e sofrem as ações uns dos outros.

O campo ético não tem, portanto, uma determinação deontológica, um dever ser *a priori* e em si mesmo, imposto desde cima, a que os membros de uma dada sociedade se devam submeter. Dito de outro modo, não há uma ordem pré-estabelecida a que os membros de uma sociedade se devam submeter. Há, sim, a tensão ética de uma teia de relações em que os membros de uma dada sociedade já se encontram mergulhados quando enfrentam o problema de “o que fazer” e “como fazer” e uma ordem que sempre emerge dessas relações horizontais.

Não estamos perante um dinamismo teleológico, um fim determinado desde o princípio, mas um dinamismo teleonómico, em que a ordem se constrói ou emerge no próprio processo em que necessariamente nos encontramos. Como diz o poeta, “não há caminho, o caminho faz-se ao caminhar”.⁴

Há, em cada momento, múltiplas possibilidades de ação. Quais delas são caminho para uma “vida boa com e para os outros em instituições justas”? Estamos agora perante uma notável inversão da filosofia tradicional. A regra do agir não está antes da ação, prévia e determinada por Deus ou pela Natureza ou pela Razão soberana. Pelo contrário, vem do futuro, futuro próximo ou distante, mas sempre um futuro que não é conhecido com certeza garantida, uma

³ “Appelons «visée éthique» la visée de la «vie bonne» avec et pour autrui dans des institutions justes”, RICCEUR, P.- *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 202.

⁴ “caminante, no hay camino, / se hace camino al andar.”, MACHADO, António - *Antologia poética*. Lisboa: Cotovia, 1999, p. 150.

vez que ainda não existe e a incerteza é a própria ordem do caos em que se inscreve a ação. O agir é, pois, de natureza hermenêutica. Sobre como agir, o sujeito tem sempre de interrogar-se, mas também interrogar os outros e as instituições e a natureza das coisas e dos processos. E as respostas, múltiplas por natureza, são ainda sujeitas ao princípio da incerteza com que o futuro se deixa entrever ao mesmo tempo que se esconde. E é nesse jogo entre ser e acontecer que o homem existe.

Estamos já muito longe das certezas apodíticas de uma metafísica triunfante. Mas não estamos também perdidos num mar encapelado sem estrelas que nos guiem.

“Se Deus morreu tudo é permitido?” De certo modo, sim, pois nada é proibido por uma ordem de imposição externa. Mas nada é indiferente. Porque tem consequências. E, por isso, nem tudo é permitido – pela vida –, pois algumas das possibilidades matam a “vida boa com e para os outros em instituições justas”, que é a regra do viver em comum. Os homens agem *entre si* e *entre si* são também aqueles que sofrem. Por isso têm de cuidar do que fazem acontecer.

Então, a vida é uma aventura à descoberta do imprevisto, verdadeira construção criadora de um caminho entre múltiplas possibilidades. Como quem abre um carreiro no bosque, sempre em direção a algum recanto, mas nunca um recanto já conhecido. E esta é a natureza do ser homem no mundo com os outros, com as relações reguladas por instituições. Não é uma natureza dada à partida, pois se todo o acontecer se rege por leis naturais, o agir abre possibilidades que não estavam garantidas pelo simples acontecer factual. Daí que ser homem não é, nunca, apenas da ordem do acontecer regido pelas leis da natureza, mas, ainda que sempre regido por elas, também criador de novas possibilidades que só ele pode abrir. Como o engenheiro que faz uma ponte respeitando as leis da natureza, mas de uma natureza que não faz ela própria a ponte. E quem diz ponte diz... tudo o que é obra humana.

Não estamos já, como no pensamento clássico, perante uma realidade eterna e imutável, princípio metafísico do ser e do agir do homem autêntico. Nem Ulisses regressa ao lar, nem Penélope o espera.

Há, de facto, um passado que se traz ou nos traz até ao presente. Mas não é nele que o futuro está contido. Pelo contrário, é *entre* o passado que nos construiu até aqui e o futuro que se vislumbra a partir daqui que se abre a fratura do presente. O momento presente é este lugar onde se cruzam o passado e o presente, mas também eu e os outros, o meu projeto individual de ser e as exigências das instituições. É *entre* estes polos, num campo de forças várias, que se abre o meu e nosso momento presente como desafio de futuros alternativos.

A realidade não é já constituída por pontos e elementos, num espaço neutro euclidiano, mas por campos e relações. E cada um dos pontos é um nó de forças em interação. Como, aliás, a realidade física, por exemplo. O átomo é constituído por elementos, mas estes só existem no átomo. A sociedade é constituída por homens, mas estes só existem como tal em sociedade. O ser é em si mesmo relação, forças em interação, interdependências mútuas, campos em turbilhão. O homem é em si mesmo um nó de forças e de relações que o constituem e, desde logo, o inscrevem num campo que lhe dá consistência. Não há uma realidade substancial que subsiste em si mesma e que dá ao homem o ser que ele há-de ser.

Paul Ricœur diz isto mesmo de mil maneiras. Não estamos já perante um sujeito seguro de si, um cogito triunfante e auto consciente que a si mesmo se garante, mas um ser que se encontra já a existir e que só num processo dialético se descobre e se consolida: na dialética do eu e do outro, do voluntário e do involuntário, da tradição e da inovação, da identidade *idem* e da identidade *ipse*, do corpo inscrito no mundo e da consciência que se abre mediada pela alteridade, da atestação de si pelo poder de dizer e fazer perante si e perante os outros mas também da suspeita de que esse poder pode não se confirmar uma vez posto à prova...

A identidade do sujeito, sobretudo a identidade *ipse*, é essencialmente narrativa e não propriamente substantiva. O sujeito afirma-se pela narrativa que faz de si mesmo mas, de novo, afirma-se *entre* essa narrativa que ele mesmo faz e a narrativa que os outros fazem dele, e também de si mesmos. Mais uma vez, o ser homem não é um pilar seguro que se ergue sobre o chão do ser ou do mundo. O ser homem é algo que acontece *entre*.

Estamos longe, muito longe da gramática do pensamento clássico. Bem de acordo com o espírito do seu tempo, Paul Ricœur fala-nos de um homem e de um mundo não linear onde a complexidade e a relação cibernética marcam todas as formas de ser, que são sempre formas de relação. A realidade é em si mesma processo e, por isso, só um modo de pensar também ele dinâmico, inclusivo de opostos e não disjuntivo, pode dar conta das formas da existência, incluindo a humana. Por isso o homem não se sabe, antes se interroga e todo o ensaio de resposta é sempre uma hermenêutica de si e do mundo em que sempre se encontra a existir e a ter que agir na incerteza de nunca garantir aquilo que em última análise procura: a “vida boa com e para os outros em instituições justas”. Mas uma tal vida nunca está dada nem garantida, antes tem de ser sempre procurada *entre* as múltiplas marcas de referência e *entre* as múltiplas possibilidades de ação. Não é assim mesmo que se nos apresenta a vida?

Termino com uma referência a uma série de esculturas de Charters de Almeida, da série “Cidades Imaginárias”. Cada escultura é constituída aparentemente por um monumental conjunto de pilares que, de facto, lá estão. Mas a escultura não é verdadeiramente esses pilares. Por um lado, a escultura está no espaço, mas também ela define o espaço em que está, pois, este não lhe fica indiferente. A escultura pontua a paisagem, recria o lugar que habita. Por isso, cada escultura desta série começa por ser a relação que se abre entre ela e o espaço em que se encontra. Mas a escultura é ainda muito mais que os pilares que a constituem e o espaço circundante. Ela é, antes de mais, os espaços, os corredores, as perspetivas que *entre* esses pilares se abrem. *Entre* estes é sempre

possível observar perspectivas fragmentárias da realidade circundante, mas é sobretudo possível, a partir desses fragmentos e para lá deles, criar cidades imaginárias. E não é sempre assim, *entre* as possibilidades dadas que se abrem os possíveis que nos dão acesso à criação de novas realidades? Por outro lado, ao mesmo tempo que uma escultura dessa série marca em definitivo uma dada paisagem, por exemplo na margem do Tejo, em Abrantes, *entre* ela e as outras espalhadas pelo mundo, em Macau, no Canadá, em Palmela, na Bélgica, nos Estados Unidos, em Lisboa, abre-se um espaço de diálogo, agora na horizontal, de um mundo que precisamos de imaginar de novo.

Ou, como disse Sasha Waltz, coreógrafa alemã: “O que procuro é juntar um pequeno grupo de músicos e bailarinos para explorar a noção de interstícios – as lacunas no meio da música, o espaço que existe *entre* os tons.”⁵

Também Paul Ricœur se levanta como pensador *entre* disciplinas, *entre* áreas do saber, *entre* autores e correntes. Não num sincretismo primário, mas num diálogo frutuoso entre os suas interrogações e os contributos vários vindos deste processo entre vários campos disciplinares, *entre* a filosofia e a linguística e as ciências da natureza, *entre* o método fenomenológico e a filosofia clássica, *entre* a filosofia continental e a filosofia da linguagem, *entre* a especulação universitária e o compromisso com os problemas teóricos e práticos, por exemplo do direito e da justiça... Por isso, o filosofar é também ação e compromisso na cidade dos homens. Até porque convém não esquecer que há duas linhas de pensamento e ação muito na moda, muito na ordem do dia. Uma, a do individualismo mais ou menos fundamentalista, com uma desconfiança ou mesmo negação de tudo quanto é instituição, organização ou poder que não se reduza à afirmação do indivíduo. E ainda outra que vê na desconstrução e na fratura o único ato de criatividade autêntica, sem curar do que resulta, partindo do

⁵ LISTOPAD, Jorge - Egoístas que somos. *JL*. Nº 1107 (6 Mar. 2013). Itálico nosso.

princípio, suposto evidente, de que tudo o que existe é para desconstruir, para fraturar, para partir. Paul Ricœur aponta noutra direção, na criação de “instituições justas”, o que não significa uma opção contra as pessoas singulares e o seu poder individual: o ser do homem e da mulher joga-se, de forma dialética, *entre* a afirmação da identidade pessoal e a ação das instituições, que devem ser justas. E alguém se atreve a dizer que as instituições nacionais, europeias e mundiais são justas ou que caminham para se tornarem mais justas? E que nós, cidadãos, estamos a construir uma “vida boa com e para os outros”?

O desafio filosófico não é, pois, diz-nos Paul Ricœur, o de procurar a verdade última e primeira do ser homem, mas a da hermenêutica projetiva de re-construir a vida e as instituições na cidade dos homens e das mulheres de hoje e para amanhã.

Face a uma filosofia sempre à procura de fundamentos últimos e de uma verdade em si mesma absoluta, Paul Ricœur assume a impossibilidade do fundamento último e assume uma verdade hermenêutica, narrativa e relacional. Está, por isso, mais próximo do conhecimento científico tal como é praticado no seu e nosso tempo. E, desde logo, da matemática que desde Gödel se assume como um sistema de bases axiomáticas, donde a impossibilidade da fundamentação absoluta.

Paul Ricœur construiu uma obra monumental, seja pelo volume dos escritos, seja pela densidade e riqueza dos contributos que deu. Mas é a própria estrutura da obra que nos remete para um compromisso com a realidade do mundo global na sua complexidade problemática, para um diálogo entre possibilidades, pois a verdade nunca nos é dada aqui ou além. Ela é de natureza hermenêutica, seja na sua problematização, seja na sua realização em concreto no mundo. E filosofar não é mais uma atividade de mineração, mas antes uma floração primaveril, como o foi em Paul Ricœur que de um problema se abriu em sucessivas ramificações tanto teóricas como práticas.